

# PROCESSOS DE INSTRUMENTALIZAÇÃO DA LEITURA E ESCRITA NA ERA MIDIÁTICA: DA DECODIFICAÇÃO À UBIQUIDADE DO LEITOR

(1) Luciane Guimarães Batistella Bianchini

Doutor UNOPAR, PR

[luciane.bianchini@kroton.com.br](mailto:luciane.bianchini@kroton.com.br)

(2) Eliza Adriana Sheuer Nantes

UNOPAR, PR

[eliza@unopar.br](mailto:eliza@unopar.br)

(3) Renata Beloni Arruda

UEL, PR

[rearruda29@hotmail.com](mailto:rearruda29@hotmail.com)

## RESUMO

O presente artigo, caracterizado como bibliográfico, objetivou apresentar e analisar uma proposta de plano de atividade de leitura e escrita ao professor, com vistas à apropriação do conhecimento pelo aluno, por meio da utilização de vários gêneros textuais digitais e em papel, articulados numa sequência gradual de aprofundamento do conhecimento, a fim promover o letramento digital ou leitor ubíquo. Pode-se concluir que o contexto midiático, interativo, no qual os alunos estão imersos na contemporaneidade os coloca diante de linguagens multissemióticas da leitura e escrita. Para a escola, isso decorre num desafio, visto que muitos professores não têm formação para atuar nesse novo contexto tecnológico, com nova temporalidade, instrumentos e plurissignificações. A proposta do presente estudo pode levar o novo leitor a reflexões e análise crítica de modo autônomo e interativo, em razão da sequência de procedimentos que os convocam a níveis mais complexos sobre a temática apresentada. Por parte do professor, esta proposta possibilita reflexões quanto a sua formação, em especial sobre a relação teoria e prática, bem como aponta para novas possibilidades de intervenções interativas entre professor, aluno e conhecimento na escola, por meio dos novos espaços digitais em que a leitura e a escrita se configuram na contemporaneidade.

Palavras-chave: Tecnologias. Leitor ubíquo. Formação de professores.

## INTRODUÇÃO

Na última década, é notória a atenção que os órgãos governamentais têm voltado para a questão da leitura e escrita. Pesquisadores do tema como Yunes (2005) e Silva (2005) concluíram, em suas pesquisas, que nossos jovens leem pouco e muitos têm dificuldades em atingir o Letramento (apropriação/interpretação de fato da escrita).

Mas nesta situação parece haver um paradoxo, pois, se de um lado reduz-se o número de livros de papel lidos, em contrapartida, verifica-se o aumento da leitura e escrita pelos ambientes virtuais. Assim, foi pensando num contexto promotor do letramento – agora denominado digital por Soares (2004) ou leitor ubíquo, como postula Santaella (2014) –, que objetivamos apresentar e analisar uma proposta de trabalho ao professor, com vistas à apropriação do conhecimento pelo aluno do ensino médio, por



meio de vários gêneros textuais digitais e em papel, articulados numa sequência didática de aprofundamento do conhecimento.

## 1. EMBASAMENTO TEÓRICO

Na contemporaneidade, os alunos são estimulados a querer novidades constantes numa sociedade onde tudo é descartável e até a atividade de leitura passa a ser ressignificada em seus sentidos, materiais e ambientes em que são apresentadas. Nesse novo contexto cultural, do papel (livro) para os ambientes virtuais em tela, abrem-se novas possibilidades instrumentais de apresentação da leitura. Chartier (1998), Bolter (1991) e Soares (2004) ainda consideram que, em tal sociedade caracterizada como midiática, poderá produzir-se um novo tipo de letramento: o letramento digital.

Santaella (2014), ao proceder com uma pesquisa sobre o uso da rede social *Facebook*, convida o interlocutor a refletir sobre letramentos na atualidade, tendo em vista a multiplicidade de tipos de leitores, entre eles o leitor-telespectador da imagem em movimento e o leitor das telas eletrônicas, o qual transita pelas infovias das redes, constituindo-se, assim, em um novo tipo de leitor, que “navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço, espaço este constituído do conjunto de redes de computadores interligados por todo o planeta” (SANTAELLA, 2014, p. 28).

Para a autora supracitada, com o desenvolvimento dos centros urbanos e da publicidade surgem quatro tipos de leitores<sup>1</sup>; o contemplativo, o movente, o imerso e o ubíquo. Este último – objeto de nosso interesse –, emerge do espaço da hipermobilidade, soma as características do leitor movente e imersivo. Assim, dissolvem-se quaisquer fronteiras entre o físico e o virtual. Seu perfil cognitivo apresenta uma prontidão ímpar para orientar-se sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço tanto físico quanto ciber (virtual), em igualdade de condições. Ele é capaz de processar, paralela e conjuntamente, informações de ordens diversas sem se demorar reflexivamente em nenhum deles.

Na busca por uma melhor compreensão da questão, pesquisadores das novas tecnologias, como Lévy (2003, 2007), alegam que a problemática central está justamente nas mídias atuais, cada vez mais atrativas em seus efeitos e entretenimentos, acabando por convocar os sujeitos à leitura e produzindo, assim, um novo tipo de leitor: o leitor de ambientes virtuais que, segundo Santaella (2014), embora leia muito, não necessariamente chegará à ubiquidade ou ao letramento digital, pois, para atingir tal nível, dependerá do desenvolvimento de capacidades, tais como navegar no ciberespaço, buscar, (co)relacionar/inter-relacionar conceitos, bem como compreender (ler) a linguagem intersemiótica.

Levy (2007) considera que o ambiente inédito, constituindo uma ecologia de signos, também possibilita a extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Isto, no entanto, não garante que tudo o que vem de tais mídias é bom, ou seja, nem sempre a inserção das novas tecnologias na educação é sinônimo de maior

<sup>1</sup> O leitor contemplativo tem como perfil cognitivo a leitura individual, solitária e silenciosa. Privilegia processos de pensamento caracterizado pela abstração e a conceitualização. Já o leitor movente é ágil, seu perfil cognitivo está sob o efeito da velocidade, do transitório, do excessivo e da instabilidade. É um leitor apressado, de linguagens efêmeras, híbridas e misturadas e tem como perfil cognitivo as habilidades distintas, em constante estado de prontidão.



eficiência no ensino, muitas vezes, por trás dessa modernidade, há um ensino tradicional, que é baseado na memorização e repetição de conteúdos.

De tal ensino decorre o não desenvolvimento de habilidades – como reflexão, análise crítica, interpretação, entre outras – que promoveriam de fato o letramento, seja ele digital ou não, ou o leitor ubíquo, nas palavras da Santaella (2014). Diante disso, os professores precisam participar ativamente de propostas que promovam o letramento em todas as esferas (digital ou não) e isso exige, por parte do professor, formação continuada (BARRETO, 2003; BETTEGA, 2005).

Para Chartier (1998) e Oliveira (2011), a leitura e a escrita digital apresentam novas possibilidades interativas ao leitor bem como abrem um novo espaço geográfico, alterando significativamente a relação do leitor com o texto, a escrita e os processos cognitivos.

Coscarelli (2009) fez uma pesquisa sobre diferenças entre a leitura ou produção de um texto digital (hipertexto) e no papel. Concluiu que, para ler, o aluno apenas precisa buscar a informação no texto que o professor disponibilizou, ao passo que, quando se trata de um texto digital, ele precisa entrar na internet para encontrar o texto. Se o ato de ir à biblioteca para buscar textos fosse uma prática recorrente dos alunos, talvez a busca atual que fazem na internet não seria uma ação tão nova.

Sobre a produção de texto no papel, a autora concluiu que o aluno utiliza muito o lápis e a borracha (para grifar dados que considera importante) como estratégias de aprendizagem. No texto digital, por sua vez, ele pode editar, recortar partes, colar, inserir imagens, sons, animações com muita facilidade, além de incluir links que o levarão a outros textos, e ambientes que contribuirão em sua produção. Nas palavras da autora, “aparecem novos gêneros textuais – muitos deles advindos da cultura impressa ou manuscrita, como o e-mail, o blog – que têm seus correspondentes nas cartas, bilhetes e diários – e novas formas de comunicação como mensagens eletrônicas, chats, torpedos (no celular). Nesse sentido, se olharmos para o processo de aprendizagem, com a utilização das novas mídias, o que ocorre são mudanças no comportamento e pensamento do aluno enquanto leitor ou produtor de um texto. Contudo, tal mudança, “não deve ser vista como uma substituição das habilidades que o leitor precisa ter para lidar com o texto impresso, por outras que serão exclusividade do meio digital, mas uma ampliação daquelas” (COSCARELLI, 2009, p. 552).

As habilidades de leitura e escrita são decorrentes do modo como o conhecimento é construído pelo aluno. O processo de construção do conhecimento, como aponta Piaget; Greco (1974), não é uma cópia da realidade, mas sim uma construção pessoal e gradual que cada sujeito realiza à medida que se confronta com novos saberes. Os novos conhecimentos, por sua vez, ao serem apropriados pelo sujeito, se articularão constituindo-se em inter-relações e complexidade cada vez maior do saber inicial. Mas, para que de fato o aluno se aproprie de um conteúdo, é preciso que ele seja ativo, reflita e elabore ideias cada vez melhores sobre determinado tema.

## 2. METODOLOGIA

Nosso trabalho caracteriza-se como qualitativo. Trata-se de um estudo de análise e proposta de um plano para o professor aplicar no Ensino Médio, relacionado a ambientes virtuais de aprendizagem. Para atender aos objetivos, realizamos uma



pesquisa bibliográfica, baseada em pressupostos teóricos de alguns pesquisadores que trabalham conceitos relacionados a nossa proposta, a saber: Construção do conhecimento (PIAGET; GRECO, 1974); Ambientes virtualizados de aprendizagem (LEVY, 2003, 2007; COSCARELLI, 2009; OLIVEIRA, 2011); Letramento digital, (CHARTIER, 1998; BOLTER, 1991; SOARES, 2004); e o Leitor Ubíquo (SANTAEALLA, 2014).

A proposta a ser apresentada e analisada trata-se de uma adaptação do Plano de Trabalho Docente (PTD), com a temática “Ambientes virtuais de aprendizagem”, presente nas orientações das DCE - Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Paraná (PARANÁ, 2008). O plano está dividido em cinco etapas, que devem ser abordadas de forma inter-relacionada:

- E1- Prática Social Inicial: Atividades considerando o saber dos alunos.
- E2- Problematização: Atividades que envolvam o desenvolvimento de novos saberes por intermédio da problematização do saber.
- E3- Instrumentalização: Com base no diagnóstico realizado na etapa anterior; as ações interventivas didático-pedagógicas entram na fase da Instrumentalização.
- E4- Catarse: A nova compreensão do saber até aqui construído.
- E5- Prática Social Final: Uma nova proposta de ação, após ter sido trabalhado e haver apropriação de conteúdos escolarizados/sistematizados.

Em cada etapa subdividiremos em dois eixos: objetivos do professor e ações a serem realizadas pelo professor.

### 3. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DA PROPOSTA

#### 3.1. E1- Prática Social Inicial do Conteúdo

Essa etapa inicial deve partir da clareza do professor nos objetivos gerais a serem atingidos com base no tema “Ambientes virtuais de aprendizagem”.

**Objetivos do professor:** Sugerimos como objetivo do professor levar o aluno a reconhecer e analisar os ambientes virtuais de aprendizagem em suas dimensões: contexto de produção, conteúdo temático (escolhas e propósitos comunicativos do autor em relação à temática abordada), construção composicional (estrutura do texto, aspecto formal), marcas linguístico-enunciativas (seleção lexical responsável pela produção dos sentidos).

**Ações do professor:** para atingir tais objetivos o professor poderá iniciar a aula organizando uma conversa com os alunos, para que eles tenham, inicialmente, a vivência do conteúdo. Ou seja, para que reflitam e organizem o que já sabem sobre o tema e o que gostariam de saber, por exemplo: O que vocês já conhecem dos ambientes virtuais de aprendizagem? O que gostariam de saber? Que temas pesquisaram nesse contexto que chamou a atenção de vocês? O que leem nesses ambientes? Como usam esses ambientes para construir saberes?



### 3.2 E2- Problematização

A seguir, após conversar com os alunos retomando o que já sabem e o que gostariam de saber, o professor passará para a etapa da problematização. Problematizar é levantar discussões que permitam ao aluno refletir sobre coisas que ainda não tinham pensado sobre os ambientes virtuais de aprendizagem, bem como apresentar situações-problema a serem resolvidas.

**Objetivos do professor:** propomos ao professor que busque um aprofundamento da temática sob diversas dimensões: conceitual, social, histórica, escolar, estética e cultural.

**Ações do professor:** Como estratégia de ação na exploração de cada dimensão propomos os questionamentos abaixo, a serem expostos aos alunos. Para responderem a cada questão deverão buscar textos em ambientes virtuais ou não, que tratem da temática. Esta atividade poderá ser realizada de como colaborativo entre os alunos e, ao final, deverão compor um texto que contenha os seguintes conteúdos:

Conceitual: O que são ambientes virtuais de aprendizagem? Quais são suas características? Como se manifesta a multimodalidade neles?

Social: Quantas pessoas, em média, um conteúdo colocado em rede atinge?

Histórica: Quando surgiram os ambientes virtuais de aprendizagem?

Escolar: Como a leitura e escrita podem ser potencializadas nos ambientes virtuais?

Estética: Há diferença entre os ambientes virtuais de aprendizagem em seu layout?

Cultural: Os ambientes virtuais de aprendizagem do Paraná são diferentes dos ambientes de outras regiões do Brasil?

Após a pesquisa e a produção do texto, será proposto um momento colaborativo entre os alunos e professor, respondendo às seguintes questões: a) O que é um ambiente virtual de aprendizagem?; b) Por que estudar ambientes de atividades virtuais?; c) Que dificuldades encontraram para ler e navegar neles?

### 3.3 E3- Instrumentalização

**Objetivos do professor:** Levar o aluno a conhecer uma ferramenta virtual. Sugerimos um blog (pode ser outro ambiente), a fim de que o aluno explore a página percebendo todas as possibilidades que oferece.

**Ações do professor:** solicitar que os alunos acessem o endereço eletrônico: <http://carpinejar.blogspot.com.br/>.

Este blog é atualizado semanalmente pelo escritor gaúcho Fabrício Carpinejar e trata-se de uma ferramenta de divulgação das crônicas produzidas pelo escritor e algumas publicadas em jornais de abrangência nacional. O ambiente virtual do blog possibilita a interação entre os leitores e o escritor, por meio dos comentários feitos ao final de cada postagem, além da publicação de fotos, vídeos, ilustrações e comentários em áudio disponibilizados pela Rádio Gaúcha.

O intuito inicial da atividade é permitir que os alunos naveguem pelo blog explorando os itens disponibilizados e, posteriormente, aconteça um debate/exposição dos itens que mais chamaram a atenção dos alunos.



Após a primeira etapa, o professor pode selecionar as crônicas “Até que o facebook nos separe” e “Epístola aos blogueiros” para realizar a leitura com a turma e promover atividade de compreensão, interpretação e discussão da temática apresentada.

Nos dois textos acima indicados verifica-se a utilização da temática das novas tecnologias na sociedade atual, assim, os textos proporcionam amplo espaço para discussões e constatações acerca da relação homem x ambientes virtuais.

Como atividade de pesquisa, o professor pode requisitar aos alunos que procurem sites ou outros endereços eletrônicos de escritores contemporâneos que utilizem estas ferramentas para divulgação do trabalho artístico, escritos ou visuais. Os alunos poderão ser divididos em duplas ou grupos e cada grupo se responsabiliza pela apresentação da obra e autor selecionado.

### 3.4 E4- Catarse

Nesse item, o professor identificará as inter-relações que o aluno construiu sobre o conhecimento até aqui trabalhado. Ou seja, a catarse realizada pelo aluno.

**Objetivos do professor:** identificar a apropriação dos conceitos pelo aluno.

**Ações do professor:** para identificar como os conceitos foram apropriados pelo aluno, o professor poderá utilizar-se das seguintes estratégias: a) Debate sobre o assunto (temas); b) Atividades para que o aluno demonstre sua compreensão da relevância dos ambientes virtuais para a aprendizagem significativa; c) Atividades de leitura e análise de ambientes: comparação entre alguns ambientes selecionados e da multimodalidade da linguagem utilizada.

### 3.5 E5- Prática Social Final do Conteúdo

**Objetivos do professor:** Para atingirmos o letramento digital no qual tenhamos a ubiquidade do leitor, o professor tem como objetivo certificar-se de que foi possível ao aluno: (I) Conhecer mais sobre os ambientes virtuais de aprendizagem; (II) Valorizar o saber desses ambientes; (III) Aprender a ler e navegar pelos textos midiáticos; (IV) Valorizar o conhecimento linguístico-enunciativo verbal e multimodal; (V) Ser um sujeito autodidata capaz de pesquisar e selecionar os caminhos da sua aprendizagem, mediante objetivos previamente elaborados.

**Ações do professor:** realizar atividade avaliativa e prática.

Na avaliação, indica-se a exploração de duas modalidades integradas: oralidade e capacidade de síntese escrita. Assim, por meio de exposição oral, os alunos podem socializar os conhecimentos adquiridos, até mesmo trocar endereços de links, páginas, blogs e apresentar, de forma sintética, tanto por meio de um esquema oral como escrito (via Facebook, e-mail da sala, WhatsApp), para o grande grupo, o que encontraram de relevante em cada um dos ambientes visitador, aguçando, assim, a sedução para a leitura desses ambientes.

Um ponto a ser ressaltado pelo professor-mediador é o fato dessa troca de conhecimentos possibilitar que todos tenham acesso a inúmeras fontes que podem ser úteis para maior aprofundamento dos conteúdos trabalhados, de tal forma que esse aluno-leitor apresente as seguintes características: vivência na modernidade, apressado,



navegador no ciberespaço, capaz de buscar, selecionar, ler e compreender textos nos quais imperam as multissemioses. Dito com outras palavras, temos o leitor ubíquo.

Na parte prática: criar um blog sobre leitura e escrita com o grupo. Nesse blog os alunos postarão textos estudados sobre o uso dos ambientes virtuais.

## CONCLUSÕES

Os ambientes virtuais podem auxiliar grandemente o trabalho do professor dado a diversidade de gêneros presentes que podem até ser utilizados em diversas disciplinas. No caso da leitura e escrita, pode ser um espaço atrativo que, se bem trabalhado pelo professor, poderá se tornar um instrumento transformador do leitor, que ao circular por vários ambientes e ter contato com vários textos poderá chegar a um nível mais complexo de leitura crítica: o leitor ubíquo. Com isto, o professor poderá iniciar seu trabalho de leitura e escrita articuladas aos ambientes virtuais, levando o aluno a compreender o potencial desse espaço bem como a promover reflexões críticas sobre o mesmo.

A interatividade proporcionada nos ambientes virtuais possibilita a construção de conhecimento de modo colaborativo, pois leitor aciona habilidades cognitivas específicas de modo que um não pode substituir o outro. Cada um deles contribui de modo diferencial para a formação de um leitor provido de habilidades cognitivas cada vez mais híbridas e cada vez mais ricas. As experiências inovadoras de incorporação das redes sociais nos processos de aprendizagem enfrentam o desafio da educação hoje, em todos os seus níveis, dos elementares aos pós-graduados, da criação de estratégias de integração dos quatro tipos de leitores, contemplativo, movente, imersivo e ubíquo.

É preciso, ainda, que o professor compreenda a leitura como um aprendizado constante, e que lemos tudo o que nos cerca, o que está inserido na sociedade na qual vivemos. E o que temos nessa sociedade? Certamente, inúmeros, infinitos, diversificados, multifacetados gêneros discursivos. Justamente por esta razão, defendemos a ideia de o professor fazer propostas com diversificados gêneros e ser capaz de usá-los, com proficiência ao longo da sua vivência, unindo as ferramentas tecnológicas ao processo de leitura e escrita.

Dessa forma, a escola não estará atuando somente na leitura, mas também num todo, na oralidade, na produção textual e no letramento – virtual ou não –, capacitando o aluno, o leitor em formação, para uma melhor compreensão e reflexão dos fenômenos a sua volta, sejam eles sociais, políticos ou econômicos. Instaurando, assim, um sujeito crítico que pensa e age na sociedade à qual pertence.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raquel Goulart. Tecnologias na formação de professor. O discurso do MEC. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 271-286, jul./dez. 2003.
- BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2005.



BOLTER, Jay David. **Writing space**: the computer, hypertext, and the history of writing. Hillsdale, NJ: L. Erlbaum, 1991.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro**. São Paulo: UNESP, 1998.

COSCARELLI, Carla Viana. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 9, n. 3, p. 549-564, dez. 2009.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. Abrir o espaço semântico em prol da inteligência coletiva. **Revista Eletrônica de Comunicação Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 129-140, jan./jun. 2007.

OLIVEIRA, Rosa Meire Carvalho de. **As novas geografias das culturas, conhecimentos e aprendizagens**: ampliando relações entre o território escolar, cidades e redes digitais de informação e comunicação. 2011. 245 f. Tese (Doutorado em Educação, Comunicação e (In)formação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica: Língua Portuguesa**. Curitiba: SEED, 2008.

PIAGET, Jean; GRÉGO, Pierre. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

SANTAELLA, Lúcia. A Aprendizagem ubíqua substitui a educação formal? **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17-22, out. 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/ReCET/article/download/3852/2515>>. Acesso em: 27 nov. 2010.

\_\_\_\_\_. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação. In: TORRES, Patrícia Lupion (Org.). **Complexidade: redes e conexões na produção do conhecimento**. Curitiba: SERNAR-PR, 2014. p. 27-34.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v23n81/13935.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2015.

YUNES, Eliana. **Pensar a leitura**: complexidade. Rio de Janeiro: PUC; São Paulo: Loyola, 2005.